

AÇÚCAR SEM DOÇURA

Roberto Rodrigues*

O setor sucroenergético passa por um momento bastante delicado, por diversas razões.

A primeira tem a ver com o mercado: a oferta mundial de açúcar cresceu muito com o aumento da produção asiática. Só a Índia aumentou sua produção de 27 para 35 milhões de toneladas em pouco mais de um ano, e com subsídios elevados. A Tailândia também subsidiou seus produtores (e continua), ajudando a aumentar os estoques. Este protecionismo tem uma dupla ação negativa para nós: por um lado derruba os preços internacionais do produto com o aumento da oferta que provoca, e por outro lado seus produtores não são afetados por essa queda, protegidos pelos subsídios. Mas nós somos. O pior foi a rapidez dessa mudança: em 2 anos completos saímos de uma demanda maior que a oferta, que aumentou os valores do produto, para uma oferta maior que a demanda, com efeito contrário. Os bons resultados daquele curto período não foram suficientes para recuperar um setor duramente castigado pela famigerada política de contenção de preços da gasolina adotada pelo governo anterior para conter a inflação. E com os preços de açúcar agora baixos, e estoques mundiais elevados, a crise permanece.

Não bastasse isso, uma seca inclemente se abateu sobre o Sudeste neste ano, especialmente sobre o Estado de São Paulo, maior produtor nacional de cana, derrubando a produção da gramínea. Na safra passada a região centro-sul produziu 596 milhões de toneladas de cana, e a atual deve ficar por volta de 550 milhões, uma redução significativa de 40 a 50 milhões de toneladas a menos!

Com os preços baixos do açúcar (e mais a possível escalada de preços do petróleo), a indústria optou por fazer uma safra mais alcooleira. Desta forma, 64% dessa menor safra canavieira do centro-sul serão destinados a produção de etanol, e apenas 36% para açúcar. Para se avaliar o que isso significa, no ano passado a relação foi de 55% para etanol e 45% para açúcar. A seca tem um lado positivo, que é o aumento da ATR, açúcares totais da cana: no ano passado, a média de ATR foi de 136 e este ano deverá alcançar 140/141. Mas essa diferença não compensa a enorme queda agrícola em toneladas.

E a terceira razão foi a greve dos caminhoneiros em maio, que provocou uma redução da moagem de cana em 13 milhões de toneladas durante a parada e impediu a saída de etanol produzido nas usinas, de modo que o faturamento delas caiu exatamente durante a safra, aumentando os estoques do produto na origem e pressionando para baixo os preços quando a greve acabou: todo mundo tinha que esvaziar seus tanques.

Mesmo assim, os especialistas acreditam que o preço do etanol pode ficar uns 20% acima dos do ano passado, mitigando os enormes prejuízos do setor. Mas a crise continua, muitas unidades industriais estão "mal das pernas", e a corda pode estourar do lado mais fraco: os fornecedores de cana. A única esperança é a rápida implementação do RenovaBio, programa governamental que dará previsibilidade ao setor, permitindo a retomada de investimentos tão

necessários a um importante segmento que gerará empregos e ajudará o país a cumprir seu compromisso com a COP 21, de reduzir as emissões de gases de efeito estufa em 43% até 2030, com base nas emissões de 2005.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Titular da Cátedra de Agronegócios da USP**